

FALTA-ME: UM DOCUMENTÁRIO DE CLÁUDIA VAREJÃO

Ana Catarina Pereira*

Falta-me (Portugal, 2005, 20')

Realização: Cláudia Varejão

Montagem: Cláudia Varejão, Graça Castanheira

Som: Tiago Matos

Produção: Filmes do Tejo, Graça Castanheira; RTP

O documentário/denúncia de Cláudia Varejão começa com uma imagem da Lisboa que amanhece vista da margem sul. A ponte sobre o Tejo apaga as luzes que a iluminam e dá lugar à luminosidade natural, ao som de uma rádio que dá os bons dias aos seus ouvintes.

Enumeram-se os sinónimos de “falta”: ausência, privação, falha, culpa, erro, não existência... Depois, o título do filme completa-se com o pronome pessoal “me”. Dá-se então início a uma série de desabafos ou confissões de 70 lisboetas que escrevem num quadro preto, com giz branco, o que lhes faz falta.

O motorista de uma carrinha que dá os bons dias a uma portageira demonstra, no seu quadro, que lhe falta alegria. Um comboio que atravessa a ponte transporta uma jovem que admite ter falta de coragem. Em fundo, ouve-se a voz murmurada de Maria João Grancha. Também ela assumirá que sente falta de segurança, alternada com outras figuras públicas e anónimas que surgem no ritmo certo de uma imagem que não passa demasiado depressa, nem demasiado lentamente. São vinte minutos de uma introspecção que Cláudia Varejão estuda cuidadosamente, dando espaço à reflexão e ao pensamento - ao reflexo do espectador nos olhos de cada personagem.

Vemo-los todos os dias. Conhecemos a objectividade da jornalista Alberta Marques Fernandes, mas sabemos que também aqueles olhos reflectem sentimentos. No fim de contas, o que lhe falta são “o pai e a mãe”. E a falta é

* Doutoranda pela Universidade da Beira Interior (UBI).

Email: anacatarinapereira4@gmail.com

sentida na mesma medida em que alguém que pede esmola no meio da rua assume que lhe falta comida.

Da esquerda à direita, os políticos que passam pelo ecrã mostram o seu lado mais humano, que os iguala entre si, e ao espectador: falta-lhes horizonte, um futuro, tempo, paz e sossego. E neste dia de sol, que parece dar pouca margem à nostalgia, muitos são também aqueles que confessam sentir falta de amor, de calor humano, de companhia, dos filhos, dos netos e de tudo o que realmente os conforta nos tempos que correm demasiado depressa.

Faltam palavras no quotidiano de um casal de idosos e dos velhos que jogam às cartas no jardim do bairro. Falta-lhes tranquilidade, saúde, compreensão, felicidade, dinheiro, uma reforma melhor. E as imagens continuam a passar num ritmo cadenciado, pautado pelo ruído da rua ou pela música dos locais de trabalho. Os grandes planos reflectem o cansaço, a falta de esperança, as dificuldades do dia-a-dia. É o noticiário a que diariamente assistimos, que nos fala da crise, dos cortes salariais, da menor comparticipação dos medicamentos, das dificuldades económicas dos idosos, da falta de qualidade de vida dos que já não têm tempo para pensar, para reflectir, para amar, para viver. É o noticiário transformado pela linguagem poética de Cláudia Varejão, pelos seus enquadramentos que sublinham apenas o mais importante. Nem a lentidão da justiça e a precariedade das condições de trabalho dos imigrantes aqui é esquecida.

À mediática apresentadora de televisão Catarina Furtado falta aprender a aceitar a morte, enquanto a Sónia Tavares, a vocalista dos The Gift, falta paciência. E Lisboa está sempre ao fundo: as ruas pequenas, os velhos passeios, os eléctricos, o acordeão e as teclas de Rodrigo Leão. E é nestas ruas que passamos pelos punks a quem falta liberdade, pelos artistas de rua a quem falta ar e por um taxista a quem faltam oportunidades. É nelas que dorme um sem-abrigo que já deixou de saber o que lhe faz falta e um transeunte que parece não comer há vários dias mas que sente apenas falta de uma namorada. A uma freira que passa, a religião e a paz de espírito parecem já ter dado tudo o que necessitava.

Falta-me...

O filme revela uma construção eficaz, com uma sequência de planos que demonstra reflexividade e auto-conhecimento. Cláudia Varejão é uma realizadora que não sucumbe a delírios intelectuais do umbigo, nem se deixa vencer por constrangimentos comerciais. Tem uma sensibilidade muito própria e reflecte-a no ecrã. Observa em silêncio sem desvirtuar os acontecimentos.

Ao cinema nacional faltam outros trabalhos assim. A Cláudia Varejão falta realizar mais documentários, chegar às longas-metragens de ficção e continuar a surpreender pela simplicidade do que é belo.

Nota: Cláudia Varejão nasceu no Porto e estudou cinema na Restart em Lisboa, na Academia Internacional de Cinema em São Paulo e no Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística da Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com a escola alemã Deutsche Film und Fernsehakademie Berlin. Realizou o documentário *Falta-me* (Menção Honrosa DocLisboa 2005, Melhor Documentário no Caminhos do Cinema Português e Menção Honrosa It's All True Festival São Paulo 2007) e as curtas-metragens *Fim-de-semana* e *Um Dia Frio* (Seleção Oficial do Festival de Locarno de 2009, Melhor Curta de Língua Portuguesa no Cineport 2009, Grande Prémio Internacional no Festival de Lille 2009, Prémio de Júri no Mediterranean Short Film Festival of Tangier e Grande Prémio no Montpellier International Festival of Mediterranean Film 2009). A par do seu percurso de realizadora trabalha regularmente como montadora e directora de fotografia em documentário. Tem desenvolvido projectos de vídeo em teatro, performance e artes plásticas.